

JIM SCIUTTO

ÂNCORA E CORRESPONDENTE-CHEFE DE SEGURANÇA NACIONAL DA CNN

A GUERRA NAS SOMBRAS

**OPERAÇÕES SECRETAS DA
RÚSSIA E DA CHINA
PARA DERROTAR OS
ESTADOS UNIDOS**



ALTA CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	Nas Sombras da Guerra	1
CAPÍTULO 2	Abrir Fogo	21
CAPÍTULO 3	Segredos Roubados	43
CAPÍTULO 4	Soldadinhos Verdes	65
CAPÍTULO 5	Porta-aviões Inafundáveis	111
CAPÍTULO 6	A Guerra no Espaço	147
CAPÍTULO 7	Hackeando as Eleições	191
CAPÍTULO 8	A Guerra Submarina	221
CAPÍTULO 9	Vencendo a Guerra nas Sombras	255
	Epílogo	285
	Notas	291
	Índice	297
	Sobre o Autor	303

CAPÍTULO 1

Nas Sombras da Guerra

O alto funcionário do governo ficava quieto sempre que o garçom se aproximava da mesa, esperando ele se afastar para retomar o assunto. Ele foi minha fonte mais difícil de conhecer. Era eu quem o procurava, e, na maioria das vezes, recebia uma resposta negativa, quando recebia. Desta vez, no entanto, ele havia solicitado a reunião. Como se mostrava muito discreto, eu sabia que tinha algo a dizer. Sua escolha para o almoço foi estranha para uma conversa particular. O Café Milano é uma caricatura dos restaurantes seletos de Washington: comida e carta de vinhos caras demais, equipe subserviente e uma clientela composta de figurões de Washington e corretores internacionais de energia. E, no entanto, ali estávamos nós, discutindo o que era, sem dúvida, a operação mais audaciosa e assustadora da Rússia no exterior desde a Guerra Fria.

Minha fonte me disse que a inteligência ocidental estava muito confiante de que o próprio Vladimir Putin havia mandado e coordenado o envenenamento do ex-agente da KGB Sergei Skripal e de sua filha, Yulia, em Salisbury, Inglaterra, no início daquela primavera. A tentativa de assassinato com o poderoso agente nervoso produzido na Rússia, o

Novichok, chocou o Reino Unido e a Europa. O uso de Novichok foi particularmente alarmante. Mais letal do que o VX, o agente nervoso mais poderoso de todos os tempos do arsenal norte-americano, que fora banido por décadas, o Novichok destrói os sinais nervosos de todo o corpo, causando contrações musculares repetidas e incontroláveis. As vítimas têm convulsões dolorosas, vômitos e espumam pela boca, mesma forma como testemunhas encontraram os Skripals naquele dia em um banco de um parque em Salisbury. Nos meses seguintes ao ataque, todas as autoridades europeias que conheci o descreveram em termos assustadores. Ao realizar uma operação potencialmente letal no solo de um aliado da OTAN, argumentavam, a Rússia estabeleceu um padrão novo e assustador para suas atividades malignas no exterior.

As agências de inteligência do Ocidente logo supuseram que tal operação não poderia ter acontecido sem o conhecimento dos altos líderes russos, e, no alto do Kremlin, Putin era o único grande líder que importava. No entanto, uma ordem direta do presidente russo para assassinar alguém em solo britânico elevaria as apostas, e minha fonte me dissera que as agências de inteligência ocidentais concluíram que era “altamente provável” que Putin tivesse feito isso. Com a operação Skripal, Putin parecia ter enviado duas mensagens ousadas: aos britânicos e, mais amplamente, ao Ocidente, de que ele não via limites territoriais para as ações violentas da Rússia no exterior; e aos dissidentes russos e outros críticos, a de que eles não estavam seguros em nenhum lugar do mundo.

Meu contato se inclinou para compartilhar mais um detalhe perturbador: investigadores britânicos determinaram que os dois agentes da inteligência militar russa que realizaram a operação levaram o Novichok à Grã-Bretanha para matar milhares de pessoas.

“Milhares?”, perguntei, para confirmar.

“Sim, milhares”, repetiu ele.

A inteligência ocidental não acreditava que a equipe russa de ataque planejasse matar milhares de cidadãos, mas o descaramento de transportar uma substância extremamente perigosa, em uma quantidade tão imensa, no Reino Unido surpreendeu os líderes ocidentais. Até mesmo uma pequena quantidade de Novichok acarretaria enormes riscos para quem entrasse em contato com ele. Isso ficou claro quando dois moradores de Salisbury, sem conexão com os Skripals — Charlie Rowley e Dawn Sturgess —, encontraram um frasco da substância inocentemente disfarçado de perfume Nina Ricci, descartado na tentativa de assassinato dos Skripals. Depois de pulverizar a substância no punho, acreditando ser perfume, Sturgess ficou doente em poucos minutos e morreu em dias; Rowley sobreviveu por pouco. Skripal e sua filha sobreviveram também, mas depois de semanas hospitalizados. O contrabando de enormes quantidades de Novichok para o Reino Unido aumentou o risco de mais baixas. Moscou parecia nem se importar e, principalmente, não dar a mínima para a reação da Grã-Bretanha e do restante do Ocidente. Aquele foi um grave ataque com armas químicas ao Ocidente pela Rússia. Foi sem precedentes. Será?

Tão chocante quanto o envenenamento de Skripal era o fato de que nenhum detalhe me era estranho. Doze anos antes, quando estava em Londres como principal correspondente estrangeiro da ABC News, cobri o assassinato do dissidente russo Alexander Litvinenko. Em uma trama que parecia ter saído das páginas de um romance de John le Carré, dois agentes russos envenenaram Litvinenko com polônio-210 radioativo em sua xícara de chá. Uma partícula da substância é poderosa o suficiente para matar várias pessoas, e sua radioatividade é tão forte que os investigadores britânicos conseguiram rastrear todo o caminho até a Grã-Bretanha, dos assentos 26E e 26F no jato russo em que os dois agentes tinham voado para Londres a seu quarto no hotel Best Western, na Shaftesbury Avenue, em Piccadilly, para o estádio de futebol

do Arsenal, onde assistiram a uma partida, ao restaurante japonês Itsu, onde conheceram Litvinenko, até o Pine Bar do Millennium Hotel, em Mayfair, onde lhe deram a dose letal.

O alvo e a arma eram diferentes dos usados no envenenamento de Sergei Skripal, mas o padrão era o mesmo: um assassinato extraterritorial — este, com sucesso — de um homem que o Kremlin via como inimigo do Estado. Como Skripal, Litvinenko era ex-agente do FSB, o sucessor da KGB. Ele fora expulso do FSB em 1998, depois de fazer denúncias públicas de atividades ilegais realizadas pelos serviços de inteligência russos. Sua acusação mais bombástica saiu em um livro afirmando que fora o presidente russo quem promoveu uma série de ataques terroristas a prédios residenciais de Moscou em 1999, e não os terroristas chechenos, que o Kremlin responsabilizara. O objetivo: garantir a eleição de Putin em 2000 e justificar a segunda intervenção militar da Rússia na Chechênia.

Em 2000, Litvinenko fugiu da Rússia, com sua esposa e seu filho, para o Reino Unido, onde pediu asilo político. Um ano depois, recebeu o asilo e se tornou cidadão britânico. Em sua nova casa, no Ocidente, em um aliado da OTAN, ele pensou que estaria seguro, e continuou seu trabalho expondo o que alegou serem crimes da liderança russa. Ele se aliou a outro dissidente russo em Londres, e crítico de Putin, Boris Berezovsky. Pouco antes de sua morte, Litvinenko acusou Putin de ordenar o assassinato, em 2006, da jornalista russa Anna Politkovskaya. No final, ele, como Skripal, ainda estava ao alcance do FSB.

A operação de 2006 foi excepcionalmente ousada. O hotel onde Litvinenko foi envenenado — o Millennium — ficava a apenas meio quarteirão da embaixada dos EUA em Londres. Mais alarmante, a arma era extremamente poderosa. Na época, autoridades britânicas, alarmadas, descreveram-no para mim como o primeiro ataque de armas químicas

do país, comparando-o com a detonação de uma bomba suja nas ruas de Londres. E, como aconteceu com o envenenamento de Skripal, os agentes russos colocaram milhares de pessoas em perigo.

“Milhares de civis, incluindo residentes britânicos e visitantes, estão em risco de exposição à radioatividade”, disse um advogado investigador do inquérito britânico sobre o envenenamento de 2016.

Na sequência do ataque, as autoridades britânicas testaram contaminação em cerca de 800 pessoas, e foram encontradas dezenas com altas doses de radiação. Algumas, como a esposa e o filho de Litvinenko, foram contaminadas ao entrar em contato direto com ele. A partir desses e de outros civis contaminados, a radiação se espalhou como um surto epidêmico de um patógeno letal. Pessoas que tiveram apenas um contato passageiro com sua família também foram contaminadas, assim como aquelas que entraram em contato com essas vítimas secundárias. A teia de contatos primários, secundários, terciários, e assim por diante, crescerá, atingindo centenas.

Cobrindo a história, também me tornei uma vítima em potencial. Como em minhas reportagens eu visitara muitos dos locais em que se acreditava que Litvinenko fora exposto ao polônio-210, incluindo o restaurante japonês Itsu e o Millennium Hotel, a ABC News me enviou para exames de radiação. Os detalhes do processo são grosseiros, mas envolviam beber contraste, muita água e enviar galões de amostras de urina, para detectar a contaminação radioativa. Foram dias tensos para mim e minha esposa, apenas alguns meses após nos casarmos. Felizmente, minhas amostras deram negativo.

Ainda assim, em seu discurso de encerramento do inquérito britânico, um advogado que representava a polícia de Londres descreveu a trama como “um ataque nuclear nas ruas de Londres”.

“Quem se mete em um esquema para levar o polônio-210 ao centro da cidade não tem um pingo de consideração pela vida humana”, declarou Richard Horwell. “Nunca saberemos os perigos da exposição do grande público ao polônio e quais efeitos de longo prazo visitarão os londrinos.”¹

O polônio-210 é uma arma vil de assassinato, que encobre bem o crime. Um especialista nuclear que testemunhou o inquérito britânico traçou a origem da substância até uma instalação nuclear russa na cidade de Sarov, quilômetros ao sul de Moscou, e os investigadores descobriram traços dele em todos os lugares nos quais os suspeitos tinham ido, conferindo uma teia indelével de impressões digitais radioativas. As maiores concentrações foram encontradas na mesa do Pine Bar, do Millennium Hotel, onde Litvinenko e seus supostos assassinos, Andrei Lugovoy e Dmitry Kovtun, encontraram-se para o chá, contaminado ainda dentro do bule.

No entanto, apesar das nítidas evidências, a Grã-Bretanha levaria uma década inteira para culpar oficialmente a Rússia pelo envenenamento. Um inquérito público de 2016 concluiu o que a inteligência ocidental avaliou nas semanas seguintes ao ataque: que a Rússia ordenara o assassinato de Litvinenko, enviando dois agentes, um deles ex-guarda-costas da KGB, para envenená-lo com polônio-210, proveniente de um reator nuclear russo. Como ocorreu com Skripal, tal operação, descobriu a investigação, provavelmente fora ordenada pelo próprio Putin.

Sir Robert Owen, que liderou o inquérito, concluiu: “Tenho certeza de que o Sr. Lugovoy e o Sr. Kovtun colocaram o polônio-210 no bule de chá no Pine Bar, em 1º de novembro de 2006. Também tenho certeza de que fizeram isso com a intenção de envenenar o Sr. Litvinenko.”²

Em 2006, 12 anos antes de o envenenamento de Skripal alarmar o mundo, o Kremlin já calculara que poderia se livrar do assassinato em solo ocidental, o que, em grande parte, se provou correto. A resposta

tardia da Grã-Bretanha foi expulsar quatro diplomatas russos, uma década após a morte de Litvinenko. Em 2017, sob a Lei Magnitsky, o Congresso impôs sanções a Lugovoy, único cidadão russo a ser alvo dos Estados Unidos. As penalidades para a operação de 2006 — delicadamente avaliadas e adiadas — foram claramente insuficientes para mudar o comportamento russo, talvez lançando as bases para uma repetição nas ruas de Salisbury, em 2018. Para acrescentar um insulto às graves lesões, Lugovoy foi eleito membro do estado russo Duma, onde serve até hoje.

Duas operações mortíferas em solo ocidental, com armas que ameaçaram a vida de milhares de pessoas, realizadas sob ordem do presidente russo, com 12 anos de intervalo. Para a Rússia, é difícil identificar um único ataque como o lançar fogo de sua Guerra nas Sombras contra o Ocidente. Porém os acontecimentos da última década mostraram duas frentes coerentes e perturbadoras: a crescente agressividade russa e as persistentes ilusões ocidentais sobre suas intenções. O mesmo padrão é perceptível na China, que lançou as próprias batalhas inaugurais em outra, talvez mais perigosa, Guerra nas Sombras contra os Estados Unidos.

Para a Rússia, os meses que se seguiram ao assassinato de Litvinenko acarretaram uma série de atos hostis, de audácia cada vez mais acentuada: seu ciberataque à Estônia em 2007, sua invasão à Geórgia em 2008. Em fevereiro de 2014, a Rússia invadiu e anexou a Crimeia, na Ucrânia, segmentando uma nação europeia soberana sem disparar um tiro. Logo depois, lançou uma guerra no leste da Ucrânia, armando “voluntários” para combater as Forças Armadas ucranianas e desestabilizar ainda mais o país. No ciberespaço, de 2014 a 2015, a Rússia realizou um longo e expansivo ataque ao sistema de e-mail do Departamento de Estado dos EUA — uma operação que funcionários da Agência de Segurança Nacional identificaram como um precursor dos ciberataques da eleição presidencial de 2016. A interferência da Rússia em 2016 levou

sua atividade hostil a um novo nível de agressão, descrito como um ataque surpresa à democracia norte-americana — um “Pearl Harbor político”, que chegou sem aviso e, portanto, compreensivelmente, pegou a comunidade de Segurança Nacional desprevenida. Mas, na verdade, houve vários alertas, antes de 2016, de uma nova e agressiva estratégia russa para minar o país aos poucos, com uma combinação de potência coercitiva e poder branco.

A China, outro grande concorrente dos EUA em nível internacional, seguia uma estratégia semelhante, talvez mais sutil, mas não menos agressiva. Em meados dos anos 2000, o esforço nacional da China para roubar a tecnologia e os segredos de Estado dos EUA já estava em alta velocidade e registrava sucessos alarmantes nos setores público e privado. Em 2014, a China desafiou tanto o direito internacional quanto as leis da física para produzir um território soberano no meio do Mar do Sul da China, iniciando a construção de uma série de ilhas artificiais em águas reivindicadas por vários de seus vizinhos do sudeste asiático. A China também estava expandindo suas forças e bases militares de dentro das ondas até o espaço, com a intenção expressa de superar os Estados Unidos e, se necessário, derrotá-los em uma guerra.

Dentro do governo dos EUA e da comunidade de inteligência, inicialmente, essas investidas bárbaras foram negligenciadas e, depois, subestimadas. Autoridades norte-americanas, lideradas pelo presidente Barack Obama, aceitaram as garantias da China de não militarização de suas ilhas artificiais no Mar da China Meridional — garantias que Pequim renegou quase que no ato. Mais tarde, Obama aceitaria as garantias chinesas de que Pequim reduziria o roubo cibernético dos segredos corporativos dos EUA, atividades maliciosas que continuam desenfreadas e brutais nos dias de hoje. Mesmo depois de, finalmente, reconhecer esses atos de agressão, muitas autoridades dos EUA e especialistas em suas políticas continuaram a encará-los como fugazes e reversíveis.

Quanto à Rússia, os sucessivos líderes dos EUA persistiram na convicção de que tudo ficaria bem, atendo-se aos pontos em que seus antecessores fracassaram. O malfadado “reset” do governo Obama com a Rússia ocorreu poucos meses após sua invasão à Geórgia. A imagem da então secretária de Estado, Hillary Clinton, apresentando seu homólogo da Rússia, o ministro das Relações Exteriores Sergei Lavrov, com um botão vermelho de reset em Genebra sobreviveu por muito tempo como um símbolo da péssima interpretação que o Ocidente faz de Moscou. Os hackers russos controlaram a rede de e-mails do Departamento de Estado meses antes de serem detectados. Mais tarde, nenhuma agência de inteligência dos EUA previu a anexação da Crimeia pela Rússia.

A visão desdenhosa que o governo Obama tinha do Kremlin persistiria até quase o final de seu mandato. Na cúpula do G7, em 2014, Obama relegou a Rússia ao status de “poder regional”, dizendo que suas ambições territoriais “pertenciam ao século XIX”. Seus comentários de 2014 ecoaram seu desdém pelas prioridades da política externa de Mitt Romney no debate presidencial de outubro de 2012: “Quando lhe perguntaram qual era a maior ameaça geopolítica enfrentada pelos EUA, você disse Rússia, não Al-Qaeda. Você disse que a Rússia e a década de 1980 estão pedindo a devolução de sua política externa, porque a Guerra Fria acabou há 20 anos.”

A resposta de Romney a Obama agora parece presciente. “A Rússia indicou que é um inimigo geopolítico”, disse ele. “Não usarei lentes cor-de-rosa quando se trata da Rússia ou do Sr. Putin.”

No entanto, em 2016, o desprezo de Obama foi substituído pela visão cor-de-rosa do próprio presidente Donald Trump sobre Moscou e Putin. Se o período que antecedeu 2016 foi dividido entre alertas

despercebidos e reações hesitantes, com sua resposta à interferência da Rússia na eleição presidencial de 2016, os Estados Unidos correram o risco de passar da inércia equivocada para a negligência voluntária.

No centro desses reiterados erros cometidos por ambas as administrações, havia uma impressão errônea das metas e intenções russas e chinesas, marcadas pela esperança — em última análise, falsa — de que os interesses da Rússia e da China estariam alinhados com os dos EUA.

“Conheci Vladimir Putin na década de 1990”, disse Ashton Carter, que serviu como secretário de defesa de 2015 a 2017, e como oficial da defesa na década de 1990. “Ficou claro para mim, mas não para todos da defesa e nem, sem dúvida, para a comunidade estratégica, que Vladimir Putin [...] estabeleceu o objetivo de arruinar o Ocidente em si. E isso era uma barreira intransponível para lidar com ele de forma construtiva.”

Carter diz que a visão predominante do governo dos EUA sobre a China sofreu de uma situação análoga ao espelhamento.

“A China, que, na década de 1990, achamos que pelo menos se dedicaria a um maior envolvimento com o sistema de segurança que os EUA criaram e de que se beneficiara”, disse Carter, “na verdade, assumiu uma postura de conquistar um lugar ao sol para o Reino do Meio”.

Além do equívoco fundamental em relação às intenções dos adversários dos EUA, não houve uma percepção da mudança crucial sobre o que a Rússia e a China estavam dispostas a fazer para atingir suas metas — e em como o fariam. Com efeito, os principais adversários dos EUA conceberam — e, então, empreenderam — um tipo inteiramente novo de guerra no Ocidente, com foco nos Estados Unidos.

Hoje, as principais autoridades de segurança nacional dos EUA, que lideram a instituição, após essa ameaça ter tomado corpo, reconhecem que não entenderam a profundidade e a amplitude do que agora identificam como a maior ameaça à segurança nacional dos EUA.

“Precisamos estudar suas táticas a fundo, porque, obviamente, não estamos preparados”, disse-me o general Michael Hayden, diretor da CIA de 2006 a 2009. “Entendo de combate aéreo. E de ataques de segundo e terceiro escalão, porque temos que saber, mas não usamos isso.”

“Isso” é a guerra híbrida, em suma, uma estratégia de atacar um adversário ficando logo abaixo do limiar da guerra convencional — o que os comandantes e estrategistas militares chamam de “zona cinzenta” — e usando uma série de táticas de poder branco: de ciberataques a infraestruturas críticas, para ameaçar ativos espaciais, a operações de informação destinadas a desencadear a divisão doméstica, a aquisições territoriais logo após uma invasão formal. Essa é uma guerra conduzida pelas sombras — uma Guerra nas Sombras —, embora suas consequências sejam tão concretas e duradouras quanto as da guerra completa.

Este livro conta o que aconteceu quando os inimigos do Ocidente perceberam que, embora seja improvável ganharem uma guerra a ferro e fogo, eles têm meios de vencer. O Ocidente se condicionou a interpretar mal o que seus inimigos fazem, a ver suas ações através das lentes do passado. Com frequência, as motivações russas e chinesas são mal interpretadas, seus objetivos são mal interpretados; e as consequências de longo prazo, também. Além disso, Rússia e China estão minando ou transformando em fraquezas o que o Ocidente vê como seus maiores pontos fortes: sociedades abertas, inovação militar, domínio da tecnologia na Terra e no espaço e liderança de longa data em instituições globais.

Os Estados Unidos precisam de um novo guia para o conflito internacional, porque os métodos antigos não estão funcionando. É como se a China e a Rússia tivessem iniciado uma nova Guerra Fria que ninguém notou. As táticas são novas e estão em constante transformação, mas as

metas são as mesmas. Esses países querem se tornar soberanos no cenário mundial enfraquecendo e desestabilizando o Ocidente, seus aliados e os sistemas dos quais dependem. Esses dois adversários também estão pastoreando outros países, com o Irã e a Coreia do Norte encabeçando a jornada. A mira não está só sob os Estados Unidos: todas as nações que não os auxiliam são alvos em potencial.

Em algum momento, os Estados Unidos entenderão essa Guerra nas Sombras como seu principal problema de política externa, embora a maioria dos cidadãos norte-americanos ainda não saiba de nada disso. Quanto mais cedo tal guerra se tornar foco de debates políticos e reuniões internacionais, mais brilhante — e seguro — será o futuro do Ocidente.

A Guerra nas Sombras não é resultado de um plano secreto, espreitando nas vielas dos serviços de inteligência russos e chineses. Tanto a tática quanto o pensamento por trás dela se ocultaram. Em fevereiro de 2013, o general Valery Gerasimov, chefe do Estado-maior da Federação Russa, detalhou a estratégia de seu país em um ensaio, para quem quisesse ver no semanal *Military-Industrial Kurier*.

“No século XXI, vimos uma tendência a embaçar as fronteiras entre os estados de guerra e paz”, escreveu Gerasimov no artigo intitulado, de forma um tanto ingênua, “O valor da ciência está na previsão”. “As guerras não são mais declaradas, e, tendo começado, avançam seguindo um modelo desconhecido.”³

Embora Gerasimov estivesse ostensivamente descrevendo como a Rússia acreditava que seus adversários estavam conduzindo a guerra na era moderna, seu ensaio definia a própria estratégia russa de travar guerra contra seus adversários, principalmente os Estados Unidos, for-

mando a base daquilo a que os oficiais de inteligência ocidentais agora se referem como a “Doutrina Gerasimov”, englobando métodos militares e não militares.

“As próprias ‘regras da guerra’ mudaram”, escreveu ele. “O papel dos meios não militares para alcançar objetivos políticos e estratégicos cresceu, e, em muitos casos, tais meios excederam o poder [...] das armas em eficácia.”⁴

Para um alto comandante russo traçando a estratégia militar de seu país em um fórum público, Gerasimov era extraordinariamente específico, identificando as táticas exatas que a Rússia empregaria no próximo ano na Crimeia e no leste da Ucrânia, incluindo forças especiais que se apresentavam como alheias aos soldados da Federação Russa.

“O uso aberto de forças — muitas vezes sob o disfarce de manutenção de paz e regulação de crises — é empregado apenas em um determinado estágio, para alcançar o sucesso derradeiro no conflito”, escreveu Gerasimov.

Eram os “homenzinhos verdes” que apareciam nas ruas da Crimeia, aparentemente, a pedido dos russos étnicos, temendo os ataques dos compatriotas, cidadãos ucranianos. Hoje, o general Hayden vê o ensaio de Gerasimov, em toda sua franqueza e clareza, como um dos mais óbvios alertas perdidos.

“Esse foi um ataque contra uma fraqueza inédita, de uma direção inesperada”, disse Hayden. “Inesperado porque estamos olhando para o lado errado, enquanto Gerasimov — embora tenha escrito, não o lemos, realmente — foi certo.”

A doutrina da guerra híbrida da China — sua estratégia para vencer na zona cinzenta — tem um nome diferente: “vencer sem lutar”, ou o que a Estratégia de Segurança Nacional dos EUA de 2017 descreve

como “competição contínua”, com os dois lados nem em paz nem em guerra. Suas ilhas artificiais no Mar do Sul da China são exemplos dessa estratégia em ação. Como a Rússia na Crimeia, a China conseguiu assegurar a soberania territorial em águas disputadas sem disparar um tiro.

No entanto, autoridades dos EUA com experiência direta em confrontos com a inteligência chinesa alertaram que Pequim não se esquiva de conflito e violência que julga necessários. Bob Anderson liderou a divisão de contrainteligência do FBI até 2015, e identificou e capturou dezenas de espões chineses operando dentro dos Estados Unidos.

“Os chineses são até mais cruéis do que os russos”, disse-me Anderson. “Eles vão matar pessoas num piscar de olhos. Vão matar famílias num piscar de olhos. Farão isso silenciosamente dentro da China ou em seus territórios, mas eles absolutamente o farão, se precisarem.”

“Os chineses são uma cultura de inteligência muito cruel”, acrescentou.

Hoje, encorajadas por seus sucessos, a Rússia e a China travam uma guerra híbrida contra uma série de adversários, grandes e pequenos. O ex-secretário de Defesa Carter a vê em ação em toda a extensão de sua fronteira com a Europa, incluindo inúmeros aliados da OTAN.

“Na verdade, segue por toda a sua costa ocidental com a Europa”, disse Carter. “Tentam comprometer e devastar países, e intimidá-los por meio do planejamento, e, em alguns casos, realizam operações nas quais é fácil maquiagem o que está acontecendo com uma grande mentira.”

Em todas as frentes, “a grande mentira” é uma parte essencial da estratégia. Com a invasão da Crimeia e da Ucrânia, isso representava negar que as tropas eram russas. Com a intromissão na eleição presidencial de 2016, representava divulgar fake news por redes sociais e meios de

comunicação tradicionais russos para semear dúvidas sobre o papel da Rússia e para dar voz aos políticos norte-americanos que endossavam essas dúvidas, incluindo o próprio presidente Donald Trump.

“Putin é um dos especialistas da grande mentira: você faz alguma coisa, nega e cria incerteza suficiente para que pelo menos o povo russo não acredite que você está fazendo o que está fazendo”, disse Carter.

No caso da interferência eleitoral da Rússia, alguns norte-americanos também acreditavam na grande mentira, liderada por um candidato à presidência dos EUA, agora presidente, cuja retórica imitava a da Rússia, às vezes palavra por palavra.

“Eles pegavam os memes criados nos Estados Unidos para fazer ataques nas redes sociais; geralmente, usando a direita alternativa; eventualmente, o presidente”, disse o general Hayden.

A China conduz as próprias operações de informação, inclusive por meio da presença internacional, cada vez mais representativa, de sua mídia estatal. No final de 2016, o país renomeou sua rede televisiva central (CCTV) como rede global de televisão chinesa (CGTN), a ala internacional controlada pelo governo que firmou forte presença nos EUA como RT Network da Rússia, mas com pouca demonstração do respaldo do governo. Segundo a cobertura da CGTN, muitas vezes feita por repórteres e âncoras norte-americanos, as ilhas artificiais não são uma ocupação de terras, mas uma questão de soberania, desafiada sob tratados que, a CGTN observa, nem os Estados Unidos ratificaram.

A Guerra nas Sombras começou há anos, mas a China e a Rússia começaram a tomar território quando os Estados Unidos estavam preocupados com outra ameaça e outro tipo de guerra — no Oriente Médio, nos anos seguintes aos ataques do 11 de Setembro.